



Igor Gielow/Folhapress

Vista da Ilha de Malta a partir da baía de Marsamxett, com a cúpula da igreja das Carmelitas e a torre da catedral de São Paulo

Malta, uma ilha tão antiga quanto o Velho Continente

Conheça os caminhos por onde o apóstolo Paulo passou e outras atrações do arquipélago

Quando se pensa em um arquipélago, logo vêm à mente praias com águas cristalinas e paisagens deslumbrantes. E se essas ilhas forem no meio do mar Mediterrâneo, é muito provável encontrar penhascos, desfiladeiros, cavernas e uma certa dose de aventura. Malta é exatamente assim, mas não só isso. O menor país da União Europeia tem muita história para contar, o que torna o destino ainda mais atraente até mesmo no inverno.

Malta tem uma história tão antiga quanto o Velho Continente. Lá é possível visitar ruínas de templos que datam dos anos 5.000 a 3.500 a.C. e catacumbas construídas pelos fenícios, que dominaram a região a partir de 800 a.C. Mas foi em 60 d.C. que um acidente mudou para sempre o destino dos malteses: o naufrágio do apóstolo Paulo.

Considerado o apóstolo dos gentios (os que não eram judeus), ele havia saído de Creta para ser julgado em Roma, já que era um cidadão romano. Havia sido preso por pregar o evangelho de Jesus, considerado na época uma afronta à Lei de Moisés. No meio da viagem, o navio onde ele e outros prisioneiros estavam naufragou após passar por uma tempestade.

O naufrágio é relatado em detalhes na Bíblia, que afirma que o episódio aconteceu no arquipélago. “Uma vez em terra, descobrimos que a ilha se chamava Malta”, diz o início do capítulo 28 de Atos dos Apóstolos.

E é possível visitar e conhecer parte dessa história um tanto quanto ofuscada por outros lugares considerados sagrados pelo cristianismo, como Jerusalém.

A gruta onde Paulo ficou refugiado por três meses é um hoje um local de peregrinação que já recebeu visitas dos papas João Paulo 2º, Bento 16 e Francisco. Trata-se de uma pequena caverna natural no vilarejo de Rabat, na época o subúrbio de Mdina, então centro político e administrativo da ilha. Hoje a gruta é uma pequena capela, onde há uma imagem de São Paulo.

Em cima da gruta encontra-se a pequena igreja dedicada a Públio, então governador de Malta que se converteu ao cristianismo após Paulo curar seu pai de uma enfermidade. E, ao lado dela, dividindo a mesma fachada, a Basílica de São Paulo.

No mesmo complexo onde ficam a gruta, e a igreja e a basílica, também



Antheah/ Pixbay

Malta tem penhascos, desfiladeiros, cavernas e uma certa dose de aventura

Regiane Soares/Folhapress



Gruta onde o apóstolo Paulo ficou refugiado em Rabat, Malta

estão as chamadas catacumbas de São Paulo, que nada tem a ver com o apóstolo e remontam ao período dos fenícios. Mas inquieto como Paulo era, bem provável que ele também tenha andado por lá. O certo é que essas catacumbas, onde foram encontrados mais de mil corpos, foram usadas como abrigos antibombas durante a Segunda Guerra Mundial.

Outra boa pedida para a desvendar os vestígios deixados por Paulo em Malta é o local onde acredita-se que o navio naufragou. Apesar das poucas evidências arqueológicas sobre o acidente, consta que ele aconteceu em uma pequena formação rochosa de-

sabitada ao noroeste da ilha principal, chamada de ilhota de São Paulo, também conhecida como Selmunett.

A ilhota fica a poucos minutos de barco ou de stand-up paddle para os mais aventureiros a partir de Mistra Bay, na baía de São Paulo. A praia rochosa com água cristalina compensa o esforço, além de ver mais de perto a estátua em homenagem ao apóstolo instalada em 1844.

Perto da ilhota, ainda na baía de São Paulo, há a fonte de Ghajn Razul, onde a tradição diz que o apóstolo e outros prisioneiros saciaram a sede ao chegar à praia após o naufrágio. A lenda local diz que quando Paulo tocou

na rocha a água começou a jorrar. Mas não há nenhum relato bíblico ou arqueológico que confirme o feito.

Acredite-se ou não, a fonte está lá com uma imagem de Paulo e foi classificada como monumento nacional, além de constar na lista de Proteção de Antiguidades de Malta desde 1932.

Após o naufrágio, acredita-se que Paulo e demais prisioneiros foram levados para Mdina, a cidade fortificada a cerca de dez quilômetros da costa. Vale lembrar que neste período Malta pertencia ao Império Romano.

Segundo o relato bíblico, foi no local onde hoje encontra-se a Catedral Metropolitana de Malta, em

Mdina, que o apóstolo se encontrou com Públio e ficou três dias na casa dele. Lá teria curado o pai de Públio, que sofria “de febre e disenteria”, um dos tantos milagres que fez em Malta.

A visita à Catedral Metropolitana é parada obrigatória em Mdina, conhecida como Cidade Silenciosa por ter pouco mais de 300 moradores. Dedicada a São Paulo, a catedral possui um belíssimo conjunto arquitetônico e o piso interior todo coberto de lápides coloridas em mármore.

E é embaixo dessas lápides, na cripta, onde foram encontrados vestígios de uma cidade romana fortificada, segundo descrições da própria catedral. Apesar de não comprovar que nesse local ficava a casa de Públio, o achado corrobora com a tradição local de que Paulo esteve ali.

Certamente Paulo passou por Mdina, mas não só lá. Outra forte tradição maltesa diz que o apóstolo teve seu primeiro encontro com Públio em São Paulo Milqi, ou São Paulo Bem-Vindo, que também possui vestígios arqueológicos de uma vila romana, além de antigas catacumbas datadas de 4.100 a 3.700 a.C. Atualmente o sítio arqueológico de São Paulo Milqi está fechado para visitação.

Passados quase 2.000 anos, a passagem de Paulo por Malta continua viva em Malta. Prova disso é o fato de 90% da população de cerca de 550 mil habitantes ser católica, além de ter 359 igrejas, que anualmente fazem festas aos seus respectivos santos padroeiros.

E entre tantas igrejas dedicadas ao apóstolo, a Igreja do Naufrágio de São Paulo, em Valetta, atual capital de Malta, é visita obrigatória. Concluída em meados de 1580, a igreja guarda uma parte de um osso do punho direito atribuído a São Paulo e um dos quatro pilares de mármore da mesa na qual o apóstolo foi decapitado em Roma em 64 d.C. As relíquias sagradas foram doadas pelo Papa Pio VII em 1818.

Mas se a ideia é aproveitar a festa paulina, o dia é 10 de fevereiro, quando a estátua de São Paulo é retirada da igreja e levada em procissão pela cidade. Mas não se prenda a datas. Malta tem festa o ano inteiro, já que as celebrações religiosas duram vários dias com direito a comidas típicas, como o pastizzi, e muitos fogos de artifício, outra paixão dos malteses.

Por Regiane Soares (Folhapress)